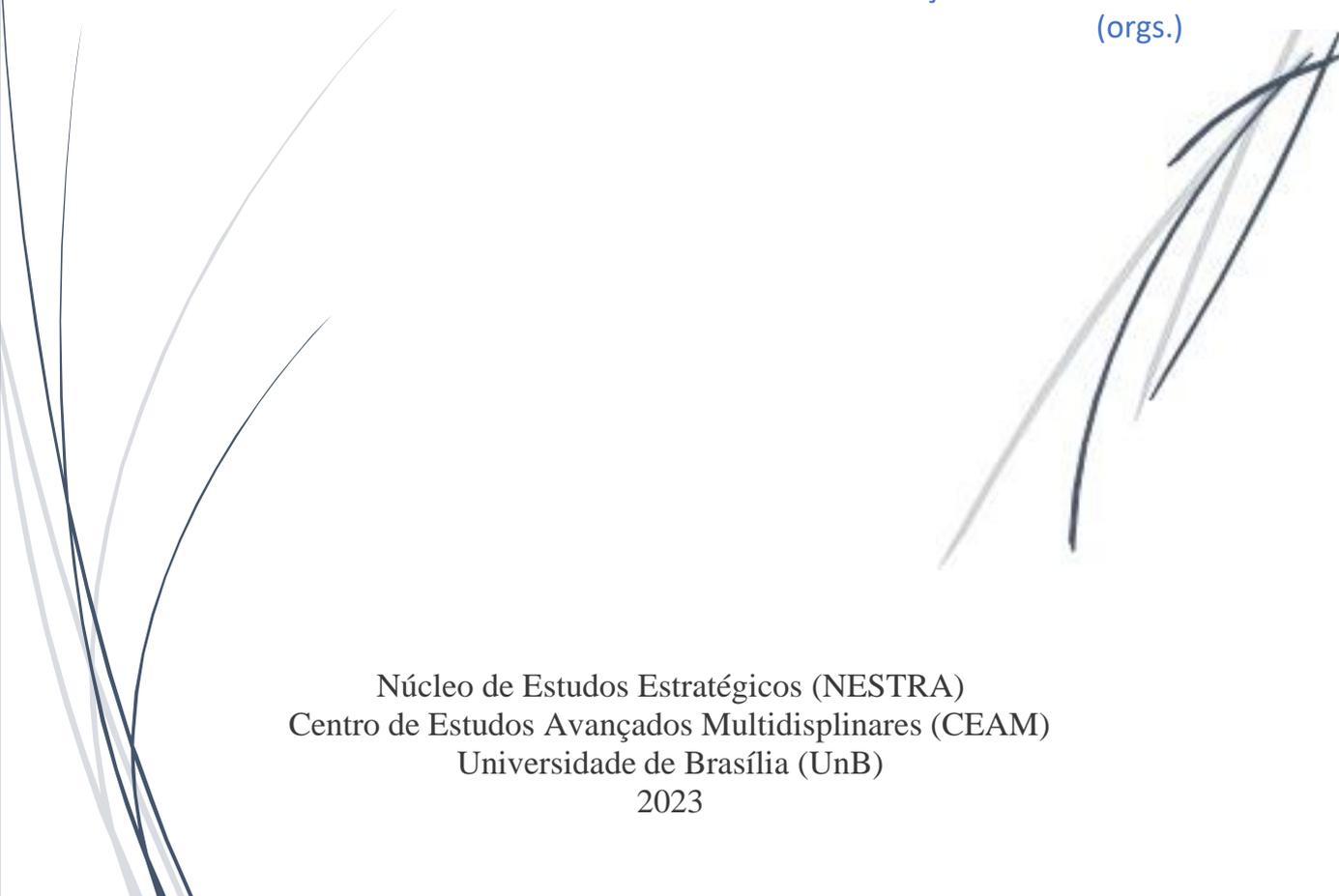




A ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL NO CONTEXTO DA PANDEMIA DE COVID-19 NO DISTRITO FEDERAL

coletânea de depoimentos e outros escritos

Caetana Juracy Rezende Silva
Fernando Bomfim Mariana
Maria da Conceição da Silva Freitas
(orgs.)



Núcleo de Estudos Estratégicos (NESTRA)
Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares (CEAM)
Universidade de Brasília (UnB)
2023

© 2023 Caetana Juracy Rezende Silva; Fernando Bomfim Mariana; Maria da Conceição da Silva Freitas.



[Licença creative commons: colocar a figura correspondente a sua autorização]

A responsabilidade pelos direitos autorais de textos e imagens dessa obra é de Caetana Juracy Rezende Silva, Fernando Bomfim Mariana e Maria da Conceição da Silva Freitas.

1ª edição

Elaboração e informações

Universidade de Brasília

Centro de Estudo Avançados Multidisciplinares

Núcleo de Estudos Estratégicos

Endereço: Campus Universitário Darcy Ribeiro, CEP 70910-900, Brasília-DF, Brasil

Contato: (61)3107-5802

Site: www.ceam.unb.br

E-mail: nestra@unb.br

Equipe técnica

Autores: GOMES [et. al.]

Organização: SILVA, C. J. R.; MARIANA, F.B.; FREITAS, M. C. S.

Revisão: Caetana Juracy Rezende Silva e Fernando Bomfim Mariana

Diagramação: Caetana Juracy Rezende Silva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade de Brasília - BCE/UNB)

O69

A orientação educacional no contexto da pandemia de Covid-19 no Distrito Federal : coletânea de depoimentos e outros escritos / Caetana Juracy Rezende Silva, Fernando Bomfim Mariana, Maria da Conceição da Silva Freitas (orgs.). – Brasília : Universidade de Brasília, Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares, 2023.
189 p. : il.

Inclui bibliografia.

ISBN 978-65-997169-4-2 (impresso).

ISBN 978-65-997169-5-9 (e-book).

1. Orientação educacional. 2. COVID-19, Pandemia de, 2020-. I. Silva, Caetana Juracy Rezende (org.). II. Mariana, Fernando Bomfim (org.). III. Freitas, Maria da Conceição da Silva(org.).

CDU 37.048

A ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL NO
CONTEXTO DA PANDEMIA DE COVID-19
NO DISTRITO FEDERAL
coletânea de depoimentos e outros escritos

A ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL NO CONTEXTO DA PANDEMIA DE COVID-19 NO DISTRITO FEDERAL

coletânea de depoimentos e outros escritos

A questão central desta obra é dar visibilidade ao trabalho da Orientação Educacional no contexto da pandemia de Covid-19 no Distrito Federal. Os desafios do ensino remoto e das ressignificações do trabalho docente exigiram inúmeros contornos para o exercício da profissão do Orientador Educacional. Nesse sentido, esta publicação não é uma obra estritamente acadêmica. Reúne depoimentos e escritos diversos, nos quais as autoras e os autores estiveram livres para apresentarem suas contribuições profissionais a partir de olhares próprios dos sujeitos diante das inúmeras questões enfrentadas.

A importância desta coletânea de textos se firma nos pressupostos de aproximação das realidades dos Orientadores no âmbito da troca de saberes entre a Educação Básica e a Universidade, bem como pela possibilidade de complexificar as reflexões dentro das Ciências Humanas na intencionalidade de transformação da sociedade.



À memória de Karina Mondianne de Sousa Oliveira Gomes

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO – 4

PREFÁCIO – A CAIXA DO DESCONHECIDO – 7

Karina Mondianne de Sousa Oliveira Gomes

CAPÍTULO 1: Comentários sobre publicações acerca do trabalho do Orientador Educacional no contexto da pandemia de Covid-19 – 9

Aldeane de Souza; Jane Rose Ferreira dos Santos e André Ribeiro da Silva

CAPÍTULO 2: O Orientador Educacional e a mediação de conflitos no contexto do ensino remoto: a experiência da Escola Classe 22 do Gama – 20

Ana Cláudia Costa Medeiros

CAPÍTULO 3: Trabalho docente e o Pedagogo-Orientador Educacional no contexto da pandemia de Covid-19 no Distrito Federal: Orientar desenvolvendo autonomia de estudos em tempos de distanciamento social – 33

Anita de Oliveira Ventura

CAPÍTULO 4: O Orientador Educacional como elo entre família e escola: ampliando possibilidades e caminhos para a construção de aprendizagens em tempos de pandemia de Covid-19 no ensino público do Distrito Federal – 39

Carla Micheline Campos da Silva

CAPÍTULO 5: Orientação Educacional em tempo de pandemia: desafio aceito – 47

Débora A. Felipe

CAPÍTULO 6: Sob a ótica do lado avesso na educação, no contexto da pandemia de Covid-19 no Distrito Federal – 56

Edvaldo Medeiros de Souza

CAPÍTULO 7: Orientação Educacional no contexto de pandemia: mais que empatia, compaixão! – 68

Fernanda Cavalcante e Keila Andrich

CAPÍTULO 8: O trabalho docente e o Pedagogo-Orientador Educacional no contexto da pandemia de Covid-19 no Distrito Federal – 76

Hellen Andrade Lima

CAPÍTULO 9: Coordenação Intermediária da Orientação Educacional: os desafios e as aprendizagens no desenvolvimento das atribuições no trabalho mediado pelas tecnologias – 78

Ivanilde Silva

CAPÍTULO 10: A práxis pedagógica no trabalho da Pedagoga-Orientadora Educacional de escola pública do Distrito Federal no contexto de ensino remoto emergencial – 92

Jesica Barbosa Dantas

CAPÍTULO 11: Orientação Educacional em tempos de pandemia: a invisibilidade e o acolhimento ao Orientador Educacional – 102

Jéssica Morrone de Oliveira Paes

CAPÍTULO 12: A ressignificação da práxis da Orientação Educacional da Escola Classe do Setor P Norte no contexto da pandemia – 108

Lucélia de Lima Soares e Maria da Graça Gomes da Silva

CAPÍTULO 13: Orientação Educacional: diálogos e troca de saberes entre a Educação Básica e a Universidade de Brasília – 116

Maria Delmair Lacerda Queiroz e Fernando Bomfim Mariana

CAPÍTULO 14: Estudantes com indicativo de altas habilidades/superdotação e a relevância do trabalho pedagógico do Orientador Educacional – 123

Maria Eugênia Monteiro e Francisnilde Miranda da Silva

CAPÍTULO 15: Encontros e descobertas na Orientação Educacional pelo Brasil – 140

Marina Cantanhêde Rampazzo

CAPÍTULO 16: O Desafio interpessoal do trabalho remoto no contexto da pandemia – 143

Maristela Pereira de Sousa Severo

CAPÍTULO 17: Princípios teóricos no trabalho da Orientação Educacional – 150

Michele Miranda

CAPÍTULO 18: Encontro Articulado Pedagógico: momento estratégico de construção coletiva da práxis da Orientação Educacional durante o ensino remoto – 160

Nádia Lopes dos Santos

CAPÍTULO 19: Orientação Educacional: tecendo novas estratégias de escuta pedagógica diante dos novos contextos socioemocionais – 164

Patrícia Miranda Chaves dos Santos

CAPÍTULO 20: Busca e escuta no ensino remoto: um olhar sobre os desafios na Educação Infantil – 174

Vera Lúcia Bezerra Cândido

CAPÍTULO 21: A prática da Orientação Educacional no ensino remoto: a experiência do CEF 101 do Recanto das Emas – 181

Zenilda Martins

CAPÍTULO 19

ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL: TECENDO NOVAS ESTRATÉGIAS DE ESCUTA PEDAGÓGICA DIANTE DOS NOVOS CONTEXTOS SOCIOEMOCIONAIS

Patrícia Miranda Chaves dos Santos

No Distrito Federal como em todos os contextos sociais da humanidade, enfrenta-se uma pandemia do novo coronavírus, COVID-19. Uma pandemia que se alastra por mais de um ano e com resultados devastadores para a toda a sociedade mundial. Podem-se registrar prejuízos em diversas áreas do conhecimento, para não se falar perdas em todos os campos de atuação, prejuízos materiais e imateriais. Pandemia, que não foi a primeira, nem será a última na história da humanidade.

Faz-nos lembrar da nossa extrema fragilidade em face de um microscópico/ vírus que nos ataca de maneira sorrateira, misteriosa e muitas vezes fatal (mito de que era apenas uma gripe), causando estragos coerentes com o tamanho da crise sanitária mundial. Mensurar o quanto a pandemia transformou e irá transformar o modo de viver das pessoas é incalculável e mostra que não temos nada sob nosso controle.

Sob a ótica da medicina, a pandemia foi catalisadora de novas pesquisas com o intuito de descobrir mais sobre sintomas, variantes, vacinas, mutações, formas de contágios, país de origem, reações e suas especificidades; como a doença está circulando no meio da população brasileira, no contexto do Distrito Federal, e principalmente como o governo e suas políticas públicas Mundiais, Federal, Estadual e Municipal podem ou não modificar o cenário atual.

Neste cenário pode-se falar em avanço de pesquisas superando as expectativas. A crise gerou revolução e crescimento, o que não deixou de gerar sofrimentos. Contribuiu ainda para o fomento de pesquisas em outras áreas da saúde pública e divulgação de redes externas de proteção. Contudo, em relação à logística para a compra, recebimento, distribuição, cronograma de vacinação da população como um todo, segundo infectologistas, estamos em atraso há algumas décadas.

Sob a ótica da população, deparamos com uma doença nova, cheia de mitos e verdades que atrapalham o conhecer dessa nova realidade. O sistema de saúde mundial está em colapso, com altas porcentagens de contágios e mortes. Profissionais da linha de frente, enfraquecidos com a sobrecarga de trabalho e com o medo de colocar suas vidas e a vida de seus familiares em risco. Enquanto esse cenário não se estabiliza, a população mais vulnerável perde familiares, espera por leitos de UTI, busca por oxigênio entre outras inseguranças, o qual se arrasta por novas ondas de contágio e aumento de mortes.

Outro fator importante em relação a certos atos do governo negacionista causador de dissintonia estrutural, disparate de altos e baixos com ações desarticuladas, com informações desencontradas. Consequência disto, muitos enfrentam o que pouco se ouvia falar e que se tornou imprescindível sobre a saúde mental dos profissionais da linha de frente diante do caos e por quanto tempo ainda esse cenário irá perdurar. A saúde mental desequilibrada da população atinge também outras profissões, seja pela insegurança na permanência, seja pelo fato do contato com outras pessoas contaminadas ou não, sintomáticas ou não. E sobre o novo normal, e sobre as outras ondas de contágio, e suas variantes e cepas?

Acerca da saúde mental ainda, cabe ressaltar o fato da população também está vivenciando um momento obscuro com muitas dúvidas e incertezas, com tantas informações e notícias. Notícias que em sua maioria atingem violentamente o emocional e o psicológico de crianças e de adultos. Ricos e pobres. Intelectuais ou não. A escola se apresenta como um lugar privilegiado de debate, acolhimento e conhecimento. Para muitos, único lugar de arrematar experiências.

Outro ponto relevante, porém, não menos importante do que o outro está acerca das mais diversas doenças preexistentes que não deixaram de existir e fazer vítimas, todavia tem o poder letal maior ou igual ao do novo coronavírus que causa a Covid-19. Lembrando dos acidentes de trânsito, com números assustadores mesmo em períodos que chegamos a 60% das cidades em Lockdown, a qual há consideravelmente a redução de pessoas transitando pelas ruas.

Da comunidade local

O segundo momento dessa tessitura está em uma das áreas mais afetadas com a pandemia e o objeto de pesquisa é o Sistema Educacional, o trabalho docente e o Pedagogo-Orientador Educacional como um todo. Neste ponto, haverá maior atenção e explanação das

ideias e sob uma nova perspectiva humana, socioemocional e pedagógica. Como profissional servidora da rede da Secretaria de Estado de Educação, como pedagoga orientadora educacional atuante na Região Administrativa de Ceilândia em uma comunidade com vulnerabilidade social extrema; com alunos, alunas, jovens e adultos do CEF (Centro de Ensino Fundamental anos finais), com um ensino remoto cheio de desafios, sejam de ordem tecnológica sejam de ordem humana; sejam pelo descrédito do ensino por partes dos pais, responsáveis e alunos.

Com um público que depende de projetos sociais e em sua grande maioria depende do auxílio do governo. De uma comunidade local, os quais os provedores e as provedoras perderam suas rendas (redução extrema da capacidade de sustento) e **o que é pouco ficou em quase nada** (grifo meu); numa comunidade ainda com recursos humanos escassos decorrentes do distanciamento social, de estudante que teve que se tornar provedor da família reduzindo ou exterminando o tempo dedicado aos estudos; de discentes que perderam parentes e amigos, encontrando-se enclausurados dentro de suas residências sem perspectivas de retorno às aulas. Com o objetivo natural social de sobrevivência. Lutar pela vida é a prioridade e sempre será prioridade.

Dos refugiados/estrangeiros

Outra questão desafiadora para a Educação do Distrito Federal entre outras tantas está na acolhida de jovens estudantes refugiados ou não vindos de outros países, geralmente de língua espanhola em busca de condições melhores de emprego, moradia, saúde e educação. Numa língua que não é a língua materna. Distante de sua cultura e de seus familiares. A Legislação Brasileira determina acolhida, adequação curricular conforme a Constituição federal; Estatuto da Criança e Adolescente - ECA; a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional; a Lei da Migração e a Lei dos Refugiados – Lei 9474 de 1997. Acolher tantas peculiaridades, tantas especificidades, tantas situações adversas e de forma remota? Incentivando o estudo e a aprendizagem sem preconceitos? A Orientação Educacional pode minimizar esses efeitos na aprendizagem com ações individuais com apoio de material em português, direcionando o estudante ao modo cultural local, quebrando a barreira da comunicação entre os professores e alunos, promovendo um espaço de fala e escuta para seus familiares, fomentando políticas de acessibilidade linguística e fazendo da escola um ponto de referência para os discentes.

A pandemia deixa evidente as diversas faces da desigualdade que possui fator biológico se concretizando socialmente num país como o Brasil. A mesma pandemia não ocorre igualmente para todos, há o encontro e os desencontros dos mundos e das realidades. Há sofrimentos em tempos e espaços opostos. Sociedade desigual e diversificada segmenta ainda mais o processo em curso da digitalização social que ocorre de forma desigual. Teria como ser diferente? E os feitos e seus efeitos, para cada resposta ou ação há uma dupla de resultados, evidenciados em projetos tecnológicos a qual beneficia uma minoria e/ou projetos arcaicos burocráticos sem eficiência.

Dos profissionais de educação

E quanto aos profissionais da educação, talvez mais um ano atípico e desafiante, todavia para muitos profissionais da educação um pouco menos desgastante. Trabalhar em casa (teletrabalho), cuidar das atividades domésticas, atuar diretamente com meios tecnológicos passando da sala de aula presencial, físico e de convívio, para fazer parte da casa do aluno por vídeo aula, por chamadas de vídeo, ou ainda por mensagens escritas ou áudios. Ensinar para além dos conteúdos, ensinar a usar o celular, aproveitar o tempo nas aulas, a ter rotina de estudos, a ser gentil e educado mesmo virtualmente, Netiqueta.

Ensinar a respeitar as diferenças mesmo sem usar o chat ou sem usar o microfone ou ligar a câmera. E entender que se ensina para o aluno que não conhecemos ou sabemos seus sentimentos e anseios. Há indiretamente um currículo oculto adentrando casas e culturas sem pedir licença. Ministrando e ensinar seus próprios filhos, minimizando os desafios e maximizando as convivências (ideia de fusão); participar de cursos de formação continuada, teleconferências, Lives ao vivo ou gravadas; produzir kits de material impresso para os alunos que não têm acesso a plataforma por algum motivo.

Segundo o Guia para o Acolhimento à Comunidade Escolar no Contexto de Atividades Pedagógicas Não Presenciais, esse material tem de possibilitar, efetivamente, uma explicação objetiva, com exemplos e logo após exercícios para fixação das aprendizagens, aprendizagens que façam sentido para vida prática daquela realidade social em questão. Com vista ao desenvolvimento e fortalecimento do sentimento de pertencimento, assim como a promoção do processo de escolarização para o sucesso integral do aluno.

Leva-se ainda em consideração nesse processo de escolarização, que não há como

controlar o ambiente de casa, quais pessoas convivem naquele ambiente e quais podem ajudar na realização dessas atividades. Se há alguém instruído para esse acompanhamento, corroborando as dificuldades, respeitando os tempos e os espaços que cada indivíduo tem para cada disciplina. Adaptar e acessibilizar conteúdos práticos e claros para estudantes e famílias sem qualquer nível de instrução ou sem um lugar adequado para esse momento de concentração.

Adaptar também para os alunos com laudo médico os conteúdos, que necessitam desse acompanhamento e acolhida mesmo de longe, seja pela sala de Recursos Generalista (apta para alunos com deficiência física entre outras), seja pelo apoio aos profissionais dos polos itinerários especializados (deficiência visual, entre outras). Cabe ao Orientador Educacional dentro dos seus eixos de atuação acolher esses profissionais com ações pontuais ou coletivas com formações ou momentos de escuta ativa. Há efetivamente uma lente de aumento diante das novas possibilidades de ensinar e aprender e se de fato haverá aprendizagem? Só o tempo e as próximas avaliações diagnósticas poderão afirmar.

Dos Pedagogos-Orientadores Educacionais

Nesse momento é propiciar ao estudante e a família que a escola (produz e recebe conhecimentos) está próxima para apoiá-los, para orientá-los e principalmente que todos nós estamos juntos. Que há uma nova rotina escolar em casa. Assim garantir também que o direito aos conhecimentos sistematizados e de qualidade sejam assegurados e segundo a autora Galtung não se reverta em violência estrutural típica das instituições de ensino.

o trabalho educativo realiza-se em organizações de diferentes graus de institucionalização. Desde os diversos tipos de escola até grupos informais na pedagogia social. A variedade organizacional é enorme. Com estrutura organizacional próprio, cada instituição exerce grande influência no modo de agir de seus integrantes. Tendo em vista, ao falarmos acerca da violência estrutural na educação, referirmos –nos basicamente às fontes de violência inscritas nos respectivos tipos de institucionalizações (GALTUNG, 1998).

Assegurar redes externas de proteção e de apoio como: CRAS, UBS, apoio psicológico em conjunto com a rede privada de faculdades, farmácias populares e etc., favorecem a acolhida e minimiza os efeitos da violência direta e cultural.

O intuito com a acolhida e o diálogo é amenizar essas rupturas estruturais com uma Comunicação Não Violenta. Acolher com uma palavra ou com um gesto as famílias com

tantas inseguranças, com tantos medos quanto à educação e a aprendizagem de seus filhos. Perceber o indivíduo como sujeito integral de direito nesse contexto tão notório. Perceber o indivíduo que faz parte e o próprio cotidiano que o faz. Misturas de mundos e de resultados. Como aprender num contexto claro-escuro, presente-ausente? Como conviver com o inusitado ampliando a capacidade de intervenção transformativa da sociedade em todas as suas facetas?

Uma das propostas da Orientação Educacional é intermediar uma escuta ativa e sensível entre as partes em conflito de diversas ordens e estruturas. É mediar sem julgar possíveis momentos de tensão entre alunos e família, entre aluno e professor, entre aluno e aluno, entre professor e professor e entre professor e gestão escolar. E Apesar desse ambiente virtual e sem contato, percebeu-se muitas outras formas de conflitos e demandas tão significativas e complexas, assim o convite está lançado ao diálogo: as famílias podem se permitir dialogar nas esferas da escola. Ligar quando não podem ir pessoalmente, expor suas ideias durante a aula virtual; questionar quanto aos conteúdos e comportamentos de alunos e profissionais na reunião de pais. Mostrar seu valor como cidadãos de direito e deveres. Profissionais também permeiam o processo de fala e escuta, de valorização do trabalho docente e de valorização de si e do outro dentro do ambiente educacional.

Por outro lado, há o aumento das demandas e do adoecimento desses docentes e discentes em sua grande maioria com desequilíbrios físicos, socioemocionais, psicológicos e financeiros, que afetam tanto a qualidade do trabalho docente e motivacional quanto à qualidade das aprendizagens dos estudantes. Consequências: evasão escolar, pouca adesão ao uso da plataforma, falta de atenção na resolução de atividades e questionários. Desmotivação e desinteresse.

Segundo Marshall em seus escritos na comunicação não violenta, tema contundente com momento, nos faz pensar na comunicação, no diálogo entre os pares. Há o papel crucial da linguagem e do uso das palavras. Desde então, identifica-se uma abordagem específica da comunicação - falar e ouvir - que nos leva a nos entregarmos de coração. A comunicação não violenta (CNV) se baseia em habilidades de linguagem e comunicação que fortalecem a capacidade de continuarmos humanos, com dificuldades, anseios e medos. Ajuda-nos a reformular a cada diálogo a maneira pela qual nos expressamos e ouvimos os outros. Nossas palavras, em vez de serem reações repetitivas e automáticas, tornam-se respostas conscientes, firmemente baseadas na consciência do que estamos percebendo, sentindo e desejando. Faz-nos expressar com honestidade e clareza, ao mesmo tempo em que damos

aos outros uma atenção respeitosa e empática.

O olhar o outro com importância. Marshall simboliza a CNV com a girafa. De pescoço longo que percebendo o todo ao redor, mas com atenção e sem julgamentos e como um animal de maior coração, ou seja, apto a escutar mudando padrões antigos de comportamento e sem violência. E os antigos padrões de não perceber o outro, uma comunicação alienante da vida, moralizante e sem se colocar no lugar do outro está representado pelo chacal. Animal sagaz e cheio de si.

E, finalmente como nos apropriar de uma linguagem dinâmica e sensível e transmiti-la na práxis? Diariamente, nos deparamos com situações inusitadas e de difícil compreensão. O papel mais evidente do pedagogo orientar é acolher sem julgamentos com empatia, buscando sanar aquela necessidade: internet, material impresso, mudança de endereço, falta de emprego, doenças, vulnerabilidade nutricional, não realização das atividades por falta de conhecimento, uma informação sobre a vida do aluno ou simplesmente está lá, seja qual for à necessidade.

A empatia é a compreensão respeitosa do que os outros estão vivendo. O filósofo chinês Chuang-Tzu afirmou que verdadeiramente empatia requer que se escute com todo o ser: “ouvir somente com os ouvidos é uma coisa. Ouvir com o intelecto é outra. Mas ouvir com a alma não se limita ao único sentido – o ouvido ou a mente, por exemplo. Portanto exige esvaziamento de todos os sentidos. E, quando os sentidos estão vazios, então todo o ser escuta. Então, ocorre a compreensão direta do que está ali mesmo diante de você que não pode nunca ser ouvida com os ouvidos ou compreendida com a mente... ao nos relacionarmos com os outros, a empatia ocorre somente quando conseguimos nos livrar de todas as ideias preconceituosas e julgamentos a respeito deles. (MARSHALL, 2006)

Atender essa comunidade minimizando a violência direta e a violência cultural mencionada por Galtung faz parte da estratégia pedagógica relevante para acolhida da comunidade escola em tempos de estudos mediados por tecnologias.

Para entender um pouco a realidade da referida comunidade, no início do ano letivo de 2021, realizei uma pesquisa descritiva pelo Google Forms. A pesquisa foi destinada para os alunos dos 6º anos e 7º anos de Centro de ensino fundamental 25 de Ceilândia na sala criada, especialmente para a Orientação Educacional. O objetivo específico é sondar um pouco da realidade dos nossos alunos e de alguma maneira orientá-los nesse processo árduo, longo e para muitos de difícil aceitação.

No formulário há perguntas como: Qual cidade você mora? Quantas pessoas há em

sua casa? Quantas pessoas usam o aparelho eletrônico para acessar a plataforma em casa? Qual a qualidade de sua internet? Quem te ajuda a realizar as tarefas ou você a faz sozinho (a)? Há um ambiente de estudo apropriado? Qual a qualidade desse ambiente? Há algum tema que você como aluno gostaria de aprender na sala virtual? Você acha que está aprendendo nessa pandemia? E sobre a sala da Orientação Educacional, fale um pouco; você acha que a Orientação Educacional pode te ajudar a minimizar os efeitos da pandemia em relação à vida acadêmica?

Esse formulário teve boa aceitação por parte dos alunos, sendo voluntária a adesão, reflete as especificidades de cada aluno. Os resultados, em si, mostram uma comunidade carente e vulnerável, em média 80%, o compartilhamento do aparelho eletrônico se faz de no mínimo duas pessoas por família. Muitos usam internet cedida; 70% dos estudantes fazem as atividades individualmente e em ambientes inadequados; e sobre o papel do Pedagogo-Orientador Educacional dentro da escola, principalmente para os alunos recém chegados na unidade (6º anos). Os alunos e muitos profissionais não internalizaram o nosso papel e sua importância. A base da pesquisa descritiva é de caráter informativa e diagnóstica, todavia desempenha um papel fundamental para orientar pais e alunos e gestão escolar face às novas aprendizagens e seus desafios.

O intuito não é torna esse formulário como único e engessado, mas sim como um dos instrumentos de percepção da realidade da comunidade local e a partir desse ponto nos sensibilizarmos e intervirmos socioemocionalmente, mudando histórias e agregando o protagonismo.

Das aprendizagens

Objeto do estudo, o aprender aberto de possibilidades, mas aprender como e o quê em tempos de pandemia? Há desafios e barreiras a serem ultrapassadas, em primeiro lugar como achar o equilíbrio, a justa medida do nosso projeto de vida. O que de fato queremos ser? Onde estamos e o que estamos realizando para alcançar o futuro? Vejo o prisma do intrapessoal, abrimos mão do presente, do que é do campo do agora, e tentamos ou pensamos antecipar o futuro, desejamos ver o que não podemos ver ou saber do futuro. A nossa postura hoje (presente), nossos feitos têm efeitos colaterais ou não para o amanhã. O futuro desejado depende da nossa inteireza hoje, depende dos dramas e das possibilidades de hoje. Do tear de hoje, firme e bem entrelaçado.

Com todos os riscos e desafios de acertos e erros, o desafio de aprender hoje é intensificado em situações adversas como a pandemia. De alguma forma, o processo de crise motiva a criatividade e coloca uma lente de aumento naquele que já existia, amadurece aquilo que ainda não está pronto e pode nos fazer desapegar daquilo que já estava passando do ponto. A mudança de lente nos faz querer enxergar os pequenos remendos, as contradições da crise e ajustar e se preciso consertar o velho gerando o novo. Crise continua sendo crise. Sofrimento também continua sofrimento. Aprende-se com outros erros e com erros dos outros. Se ainda não é suficiente o erro do outro, eu me permito errar e aprender sob uma nova perspectiva.

O conhecimento velho sozinho é somente o velho e o conhecimento novo sozinho não é real, assim funciona a coletividade. O eu precisa de si e do outro para viver como serem sociais, errando, acertando e gerando aprendizagens significativas para o hoje urgente, mas que se refletirão para o futuro que desejamos viver.

Assim, a pandemia não tem todas as respostas e soluções para todas as inquietações, mas deixa de alguma forma legados positivos para a sociedade: de mais amor, empatia, cuidado, palavras de carinho, gestos, conhecimentos sistematizados, do aprender informalmente; novas descobertas nos campos científicos, tecnológicos; outros meios de escrever cartas, de comunicação; de compartilhar novas amizades; do visitar novos lugares sem sair de casa; do criar novas áreas de trabalho; do plantar literalmente nova semente com perspectiva de colheita próxima; do aceitar do luto, processo natural da vida; do me aceitar como parte do cotidiano.

Ganhar ou perder, ainda não há um placar final. O que de fato sabemos é que há muito trabalho a fazer. O tecido da vida foi colocado em nossas mãos, e o indivíduo pode ir tecendo novas formas positivas de viver o momento.

Patrícia Miranda Chaves dos Santos com formação em Letras Português e Respectivas Literaturas, Letras Inglês e suas Respectivas Literaturas e Pedagogia. Pós-Graduação em Orientação Educacional, Psicopedagogia e Libras. Curso de Inglês pelo Cile e Espanhol cursando. Trabalho na Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal como Pedagoga Orientadora Educacional em Ceilândia DF desde 2019.

Referências bibliográficas

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Supremo Tribunal Federal, 2007. BRASIL. Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, Ministério da Educação, 2009.

_____. Lei 8.069 de 13 de julho de 1990. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Disponível em: <http://www.promenino.org.br> (<http://www.promenino.org.br/noticias/arquivo/estatuto-da-crianca-e-do-adolescente-integra-ecomentarios-tecnicos>). Acesso: 16/02/2020.

_____. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN)** Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/> (http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm). Acesso em: 07.01.2019.

DISTRITO FEDERAL. Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF). **Currículo em Movimento da Educação Básica**: ensino fundamental, ensino médio. Brasília: SEEDF.

_____. **Orientação Pedagógica da Orientação Educacional na Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal**. Brasília: SEEDF, 2019.

_____. **Ficha Profissiográfica da Orientação Educacional que rege sobre a descrição do cargo de Pedagogo-Orientador Educacional**. Publicada no DODF 193, de 17 de setembro de 2013, p. 8.

_____. **Ficha Profissiográfica da Orientação Educacional que rege sobre a Caderno Orientador Convivência Escolar Cultura de Paz**. Brasília: SEEDF, 2020. Disponível: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso: 20/08/2021.

_____. **Guia para Acolhimento à Comunidade Escolar no Contexto de Atividades Pedagógicas Não Presenciais**. Brasília: SEEDF, 2020.

FIOCRUZ. **Saúde mental e atenção psicossocial na pandemia de Covid-19**. Publicada em: 09/04/2020. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/documento/saude-mental-e-atencao-psicossocial-na-pandemia-covid-19>

GALTUNG, Johan. Cultural Violence. **Journal of Peace Research**, 27(3), 1990, p. 291-305 Recuperado em 15/01/2015

ROSENBERG, Marshall. **Comunicação Não Violenta**: técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais. São Paulo: Ágora, 2006. Disponível: <http://www.educacao.df.gov.br/> Acesso: 10/10/2019.

PORTO, Olivia. **Orientação Educacional**: teoria, prática e ação. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2009.